

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012, 349 pp.

Alexandre Barbosa Pereira
Universidade Federal de São Paulo

Em *Da periferia ao centro*, José Guilherme Magnani nos apresenta sua trajetória como pesquisador e professor de antropologia urbana. Com isso, ele também nos proporciona um importante panorama da formação desse campo de estudos no Brasil. Adaptado de sua tese de livre-docência, defendida em 2010, o livro está dividido em três partes. A primeira, “Linhagens e trajetórias”, trata justamente dessa formação da antropologia urbana brasileira e as implicações desta para a trajetória do autor. Na segunda, “Três pesquisas”, ele apresenta temas específicos de pesquisa com os quais trabalhou na cidade de São Paulo: formas de religiosidade neoesotérica, circuitos de práticas juvenis e as redes de sociabilidade dos surdos na metrópole. Enfim, na terceira parte, “Etnografia urbana”, temos uma discussão metodológica sobre as especificidades da pesquisa antropológica no contexto urbano. O livro conta com prefácio de Peter Fry e posfácio de Márcio Silva.

Nele, Magnani não traça a história da antropologia urbana brasileira apenas porque sua trajetória está intrinsecamente atrelada a ela, mas porque de fato a retoma. Ele inicia discutindo a influência da Escola de Chicago na formação da antropologia urbana brasileira e, ao apresentar as linhagens às quais se filia, também apresenta as duas pesquisadoras responsáveis por iniciar e consolidar esse campo no Brasil: Eunice Durham e Ruth Cardoso. As duas autoras, por meio da abordagem de

temas como migrações e movimentos sociais urbanos, foram as responsáveis por reflexões metodológicas sobre os enfoques e problemas da pesquisa antropológica no contexto urbano. Elas também avançaram o debate sobre classes sociais no contexto urbano brasileiro ao discutirem a noção de classes populares como uma forma mais ampla de tratar da heterogeneidade dos modos de vida das populações mais pobres (Durham, 2004; Cardoso, 2011). Magnani, além disso, traça uma genealogia da formação dos antropólogos brasileiros e mostra a importância que as duas professoras tiveram ao orientar, pela USP, pesquisadores, atualmente, com carreiras consolidadas nas mais diferentes instituições do país.

Sob orientação de Ruth Cardoso, Magnani constrói sua trajetória na antropologia urbana a partir do estudo de práticas de lazer em bairros da periferia de São Paulo, apresentado em *Festa no Pedaco*, sua tese de doutorado. Os circos-teatro que transitavam pelas diferentes localidades da cidade foram os fios condutores dessa sua pesquisa. Nesse contexto, o autor começa a discutir as relações de sociabilidade a partir de uma perspectiva espacializada, em relação direta com os lugares e equipamentos urbanos. A noção de pedaço, por exemplo, observada inicialmente como categoria nativa na periferia e, posteriormente, no centro, designa as relações de sociabilidade no contexto do bairro, como intermediário entre a Casa e a Rua, conforme a célebre discussão de Roberto Da Matta (1997), que por sua vez, retoma as reflexões de Gilberto Freyre, como modo de compreender os dilemas sociais brasileiros entre o público e o privado, entre a hierarquia e a igualdade.

Pode-se perceber a influência da Escola de Chicago em dois importantes aspectos da trajetória de pesquisa de Magnani. Por um lado, temos a perspectiva espacializada das relações sociais, observadas em noções como a de pedaço, mas também mancha e circuito, por exemplo. Os autores de Chicago, principalmente a partir das reflexões de Robert Park, abordavam justamente essa cidade como um grande mosaico que

reunia mundos que se tocavam, mas não necessariamente se penetravam. Daí a ideia de regiões morais, que apesar de mais associada ao que esses pesquisadores chamaram de zonas de vício, designaria também espaços urbanos que reuniriam pessoas com afinidades ou interesses comuns, como grupos de uma mesma origem étnica, mas também admiradores de certas expressões artísticas ou adeptos de certas práticas de lazer, por exemplo. Por outro lado, *Da periferia ao centro*, mostra também o como a cidade de São Paulo, assim como Chicago para os pesquisadores nos Estados Unidos, foi utilizada, por Magnani e pelo Núcleo de Antropologia Urbana, criado por ele em 1988, como um laboratório de pesquisa das mais diferentes práticas culturais urbanas e também de experimentos etnográficos os mais diversos.

Em seu olhar antropológico para a cidade, Magnani enfatiza a centralidade da etnografia para suas pesquisas sobre o urbano. Ele já inicia o livro destacando a importância da abordagem etnográfica ao citar texto de Robert Park, de 1925, sobre a pesquisa de campo no espaço urbano. Magnani propõe, portanto, discutir as especificidades e os desafios da etnografia nesse contexto. E ele o faz ressaltando, em primeiro lugar, as tarefas principais de uma antropologia que toma a cidade como objeto para, mantendo-se “fiel ao patrimônio teórico e metodológico da disciplina”, abordar a sua dimensão, diversidade e particularidades. Nesse sentido, afirma o autor, é preciso conciliar a paisagem e os atores sociais. Compreender, portanto, a paisagem não apenas como um cenário dado, mas como o resultado das práticas, intervenções e ações engendradas pelos diferentes atores, de maior ou menor poder, por meio de suas redes de trocas.

Desse modo, seria necessário articular um enfoque que seja ao mesmo tempo de longe e de fora, por apreender as relações estruturais e mais gerais, e de perto e de dentro, por preocupar-se com as atividades dos atores sociais em seu cotidiano urbano. Nem tão de longe a ponto de,

justamente, não identificar a atuação desses atores, nem tão de perto a ponto de confundir-se com as práticas particulares desses interlocutores da pesquisa, ressalta Magnani. A etnografia produz, segundo essa perspectiva, o encontro de pontos de vista, o que o pesquisador tem dos fenômenos com o dos nativos, produzindo assim um novo ponto de vista, mais geral que a explicação nativa e mais denso do que a abordagem inicial da pesquisa.

Neste livro de Magnani, tanto o olhar que capta a relação dialógica entre os atores sociais e o espaço urbano – refletindo sobre as influências recíprocas – como o que apreende as múltiplas cidades produzidas nesse processo, aponta para a necessidade de superação da famosa dicotomia que persegue a discussão antropológica sobre o urbano. Afinal, os antropólogos fazemos antropologia na cidade ou da cidade? Tal discussão surgiu a partir da proposição de Clifford Geertz (1978), em reflexão sobre os alcances da descrição etnográfica, segundo a qual os antropólogos, apesar de seu enfoque microscópico, poderiam atuar plenamente em diferentes contextos, investigando grandes temas como política, economia, religião etc. Estudariamos, portanto, segundo o autor, os fenômenos sociais que ocorrem nas aldeias e não as aldeias.

Há muito tempo não se tem mais força o dito, retomado por Mariza Corrêa (2011) em artigo sobre o campo da antropologia no Brasil, o qual afirmava que a antropologia acabava onde começava o asfalto. E, no caso brasileiro, faz-se menos sentido ainda tal modo de pensar, tendo em vista que a investigação urbana mostrou-se como um de seus campos mais vigorosos de atuação, como aponta a própria Corrêa. Por isso, mostra-se cada vez mais improdutivo pensar em antropologias na ou da cidade, como alternativas exclusivas. Devemos pensar, assim, numa Antropologia que, inclusive, coloque em relação as pesquisas sobre o urbano com as de outros contextos como o da etnologia indígena, por exemplo.

Ao longo do livro, mas de forma mais focada em seu fechamento, Magnani propõe que a antropologia, quando realizada na cidade, deve ao mesmo tempo ser na e da cidade. Preocupar-se tanto com os processos sociais que nela ocorrem quanto com o modo como esses alteram e são alterados pelos espaços urbanos. Em outras palavras, o autor afirma que as cidades, a partir das quais os antropólogos urbanos falam, não devem servir apenas de cenários para a pesquisa e, por outro lado, concomitantemente, os processos mais gerais e estruturais que influenciam na formação das cidades, como os econômicos e políticos, não podem ser o único foco. A busca de um olhar que seja exclusivo sobre o que se considera a cidade pode levar ao desprezo ou a subestimação de aspectos importantes, como as ações e relações dos mais diversificados atores sociais que a produzem em seu cotidiano.

As cidades devem ser, portanto, conforme essa abordagem sugerida em *Da periferia ao centro*, compreendidas como diversificadas e constantemente inventadas e reinventadas pelos arranjos criativos daqueles que nelas vivem nas condições socioeconômicas as mais variadas possíveis. O livro, aliás, nos apresenta três propostas etnográficas para se pensar essas cidades produzidas pelos atores sociais: a das práticas juvenis, a das sociabilidades dos surdos e a dos espaços de religiosidade esotérica na metrópole. O autor, dessa forma, não despreza os aspectos estruturais e mais gerais das cidades e, particularmente, de São Paulo, seu principal foco de pesquisa, mas, pelo contrário, insere-os nas suas análises. Sua principal preocupação, contudo, é com as formas como esses diferentes atores sociais habitam e inventam os espaços urbanos.

Magnani, ao tratar das cidades discutidas por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*, traz uma reflexão sobre as impressões que o antropólogo francês teve de cidades brasileiras, como as do norte do Paraná e a de Goiânia, e também de cidades da Índia e do Paquistão. Lévi-Strauss concebe a cidade como situada entre a natureza e o artifício, “coisa humana por

excelência”. Magnani, inspirado por Lévi-Strauss, propõe, então, uma reflexão sobre a “forma cidade”. Essa perspectiva, aliás, nos fornece uma pista importante para pensarmos a antropologia urbana hoje. Trata-se de atentar para as múltiplas formas que as cidades assumem nos mais diferentes contextos e escalas, bem como apreender suas regularidades. Pensar, além disso, as cidades dentro das cidades.

Esse olhar pode ser bastante enriquecedor para uma discussão mais ampla sobre as formas de habitar as cidades, tendo em vista que o pensamento atual sobre o urbano foi concebido a partir de estudos sobre poucas referências urbanas. Segundo Tim Edensor e Mark Jayne (2012), em introdução ao livro *Urban theory beyond the west*, o princípio e o principal da discussão sobre o urbano baseou-se no estudo de poucas e grandes cidades do mundo, principalmente as ocidentais ou do norte. Mesmo quando as cidades não ocidentais foram estudadas por intelectuais ocidentais, elas foram quase sempre classificadas como problemáticas em relação ao entendimento ocidental de como deveria ser a vida urbana. Outra autora, Jennifer Robinson (2006), destaca que é preciso desenvolver um forte senso de criatividade sobre as cidades, a partir de uma diversificação dos pontos de vistas, para se ampliar o potencial para imaginar cidades futuras. Robinson (2002) defende ainda a necessidade de descolonização das imaginações sobre o urbano e os cidadãos. Por isso a importância de se pensar outras cidades, de outros lugares, de diferentes tamanhos e formas, a partir de outras perspectivas (Bell & Jayne, 2006). Não apenas as grandes e excepcionais cidades, mas também as cidades comuns, as cidades ordinárias (Robinson, 2006).

O livro de Magnani apresenta a etnografia como uma possibilidade interessante e fundamental para se apreender essa diversidade de cidades e de pontos de vista sobre elas. A etnografia é entendida, portanto, como um caminho para a produção de uma reflexão mais crítica e ampla, que não tome a cidade, como afirmam Ash Amin e Nigel Thrift (2002),

como uma categoria inquestionável, nem como uma entidade identificável de antemão. Segundo esses autores, não devemos concordar com o dizem que a cidade é, mas buscar as cidades produzidas em tudo e por todos. É preciso, portanto, reimaginar o pensamento sobre o urbano. O desafio para a antropologia é justamente entender que múltiplas cidades são essas produzidas e imaginadas pelos atores sociais. Magnani, de certa forma, mostra-se bastante preocupado com essa potencialidade de se pensar sobre as diferentes escalas de cidade a partir da etnografia. Esse, aliás, é o último desafio que ele coloca em sua trajetória, ao tomar as cidades da Amazônia como sua nova proposta de reflexão sobre o urbano: pensar outras cidades, outras escalas, outros olhares, outros circuitos.

Referências bibliográficas

- AMIN, Ash & THRIFT, Nigel
2002 *Cities: reimagining the urban*. Cambridge, Polity.
- BELL, David & JAYNE, Mark
2006 *Small cities: urban experience beyond the metropolis*. London, Routledge.
- CARDOSO, Ruth
2011 *Ruth Cardoso: obra reunida*. São Paulo, Mameluco.
- CORRÊA, Mariza
2011 “O mato & o asfalto: campos da antropologia no Brasil”. In *Sociologia & Antropologia*, V. 01.01, pp. 209-229.
- DA MATTA, Roberto
1997 *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Rocco.
- DURHAM, Eunice
2004 *A dinâmica da cultura*. São Paulo, Cosac Naify.

EDENSOR, Tim & JAYNE, Mark (eds.)

2012 *Urban theory beyond the West*. Abingdon, Routledge.

GEERTZ, Clifford

1978 *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.

ROBINSON, Jennifer

2002 “Global and world cities: a view from off the map”. In *International Journal of Urban and Regional Research*, 26 (3), pp. 531-554.

2006 *The Ordinary City: between modernity and development*. London, Routledge.